

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

006

O ataque das “mastiguinhas”

Um intrigante episódio de crime sexual que mobilizou rodas de conversa no sul do Estado é o sexto caso da série que vai contar uma história enigmática aos domingos em 2012

O crime

Vítima:

Jovem universitário que não teve o nome revelado

Época do crime:

Maio de 1979

Cidade:

Rio Grande

Principais suspeitos:

Quatro mulheres de classe alta

Motivação:

Sexual

Também de mentiras, sussurros e boatos é feita a história das comunidades. Nascem, quase sempre, em pontos de encontro informais.

Rio Grande, no sul do Estado, final da década de 70 do século passado. O Café Dalila é onde se reúnem os homens e mulheres da sociedade rio-grandina. Mais homens que mulheres.

Repassam os assuntos do dia. E sussurram histórias.

– Vocês sabem da última?

Quatro mulheres da elite local acertaram um encontro com quatro jovens universitários, numa casa do balneário Cassino. Um jeito masculino de se divertir.

Elas foram, ficaram à espera.

Estavam excitadas: ouviam música, dançavam, estrevavam lingerie minúsculas. E consumiam muito tóxico para acalentar fantasias.

Algum tempo depois, só um dos rapazes apareceu.

Ávidas, agora queriam muito sexo.

E se jogaram sobre ele.

No final, com os órgãos genitais mastigados, foi levado direto para o hospital.



Verdade ou boato, espalha-se com fantástica rapidez e novos detalhes. E por conta da publicidade de uma pastilha muito popular à época, logo a história passa a ser conhecida como “O ataque das mastiguinhas”.

Rio Grande se mobiliza. Nunca se viu coisa igual.

O Ministério Público decide investigar depois de saber que não há registro policial. O promotor à época declara:

– Constranger alguém a praticar ato libidinoso é crime, não importa o sexo.

Diz mais:

– Esse tipo de delito só acontece em cidades ricas, com pessoas bem aquinhoadas.



Na edição de 19 de maio de 1979, o Agora, jornal da cidade, anuncia em manchete de capa, com direito a foto: “Promotor quer saber nome das mulheres que curraram um jovem em Rio Grande”.

Os nomes são citados em todas as conversas e duas aparecem em destaque na edição seguinte. As mulheres negam

“boatos sobre a curra”. O marido de uma suspeita tem uma certeza: essa calúnia é inveja do sucesso dela ou preconceito por ela ser americana.

Acompanha a mulher até a redação do jornal e explica: ambos estavam em Porto Alegre, no dia indicado.

Mais: a mulher já registrou queixa na polícia e comunicou o fato ao consulado dos Estados Unidos. O vice-cônsul Anthony Interlandi promete agir e assegurou-lhe proteção.

O irmão de outra mulher fica indigna-

do. Diz que a irmã mudou de cidade há muito tempo, desde fevereiro não vem a Rio Grande. Além do mais, ela havia se submetido a uma cirurgia que a impede de manter relações sexuais.

– Mas mastigar ela pode – respondem no Café Dalila.

A quarta mulher suspeita também faz registro policial e estranha que a família da vítima queira esconder o fato, se é que ele existiu.

Existiu, dizem os sussurros.

A família quer abafar o caso, por isso não há registro nas casas de saúde. Ele foi atendido, sim, e logo o removeram para a capital do Estado. Quem contou foi um funcionário do hospital.



Rio Grande mudou muito na última década. Por conta da revitalização do porto, quer ser o terceiro PIB do Estado, em pouco tempo.

Já não existe o Café Dalila e não há registros oficiais do episódio das “mastiguinhas”, na polícia ou na Justiça.

Mas é só pesquisar nos jornais ou perguntar nos pontos de encontro dispersos pela cidade.

Mais de 30 anos depois, quem ouviu a história não a esquece.

E todos lembram de um ve-reador. Seu filho, a certa altura, foi citado como sendo a vítima.

Ele vai à tribuna e anuncia, com o dedo indicador apontado para o jovem:

– Não foi ele. Quem tiver dúvida, pode examiná-lo.

Os rio-grandinos também não esquecem dos nomes das mulheres pichados em todos os lugares. E uma inscrição enorme, em tinta preta, no muro em frente ao Café Dalila:

– Cuidado, elas mordem.

